

A tecnologia no amor

Gloria Lotfi

Vou aproveitar o excelente filme Her de Spike Jonze produzido nos Estados Unidos em 2013 para facilitar a expressão do meu pensamento em relação aos assuntos discutidos nesse Simpósio.

O filme narra as dificuldades afetivas vividas pelo personagem Theodore e mostra como ele ira conseguir lidar com elas para tentar encontrar satisfação na vida. Todos sabemos por experiência própria, que acima de todas as conquistas que possamos alcançar, a que nos traz mais satisfação é a conquista do amor verdadeiro. Seja o amor da espécie que for, maternal, filial, paternal, fraternal e como no filme, o conjugal. Quando aqui menciono a palavra satisfação, não estou negando o sofrimento inerente ao amor vivido, pelo contrario eu o estou integrando necessariamente à vivência. A satisfação amorosa vem da sensação trazida pelo amor em se estar vivo e compartilhando a vida com outros seres nas relações humanas entre frustrações e gratificações. Salvo em situações graves em que relações se tornam mais destrutivas do que criativas, pior do que sofrer por amor é não ter a quem amar.

O cenário do filme é futurista num sentido pessimista de como seria sucumbir a incapacidade amorosa do ser humano. Enormes prédios rodeiam as pessoas, quase não há paisagens até o momento em que Theodore passa a viver encontros afetivos. Nas residências não existem plantas decorativas ou animais domésticos e quando estão sós ou mesmo em público, os personagens estão inteiramente envolvidos com seus aparelhos, conectados à realidade virtual. Jonze nos transmite a angustiante constatação do perigo que corremos em acreditar na ilusão de completude em nós mesmos, em nos tornar Narcisos que desconhecem a existência do Outro, conhecimento este, tão indispensável para nossa saúde psíquica quanto a consciência da existência do próprio Eu.

Vou descrever Theodore como um tipo sentimento introvertido, função sentimento voltado para o mundo interno. Jung no vol. 6 de suas obras completas descreve esse tipo, entre outras palavras, com as seguintes: “as águas mansa são as mais profundas” fala também que “esse tipo muitas vezes se esconde atrás de mascaras infantis ou banais, e muitas vezes também são de temperamento melancólico. Em suas manifestações externas guardam discrição harmônica, uma agradável calma, não pretendem impressionar, persuadir ou mudar o outro. Chega-se a suspeitar de que sejam indiferentes e frios, dada a dificuldade dessas pessoas sentimentais de expressar seus sentimentos”. Marie Louise Von Franz ao descrever esse tipo no livro “A tipologia de Jung” ed. Cultrix, cita o poeta austríaco Rainer Maria Rilke que certa vez escreveu: “Eu a amo, mas isso não é da sua conta”.

Theodore trabalha numa empresa onde se escrevem cartas de caráter pessoal sob encomenda. É esse o trabalho de Theodore, escrever cartas e na maioria delas de amor. Por esse canal de expressão, ele com muito talento expõe disfarçado nas relações de terceiros, sentimentos finos, adequados e comoventes. Nesse momento de sua vida está solitário e melancólico, vivendo o vazio deixado por um casamento desfeito. Theodore faz no início do filme seu primeiro contato com Samantha, um programa que descobriu existir, um Sistema de Inteligência Artificial. Um S O como é chamado, Sistema Operacional E assim, Theodore inicia uma intensa relação com o feminino que guarda em si, no seu mundo interno, na sua anima e a projeta na linda voz com que conversa um feminino perfeito como jamais encontrará em uma mulher porque a pessoa mulher nunca será perfeita. Apaixonado se abre para viver as emoções e alegrias por estar vivo, amando e se sentindo amado. Brinca

com Samantha, se abre para os encantos da natureza, com ela vai à praia e faz *picnic* junto com um casal de amigos que também encantados, se relacionam com o Sistema Operacional como se fosse uma pessoa, trocam e expõem sentimentos e emoções. A alma pode, além de às vezes parecer terrível ao ego por suas demandas, mostrar um envolvente encanto. Theodore tem o cuidado de manter a câmara posicionada para que Samantha possa receber as imagens do ambiente e das pessoas com quem ele interage e dessa maneira percebemos como o passeio do casal de amigos e Theodore foi vivido como o de dois casais. Do mesmo modo em que acontece nessas situações se criar uma cumplicidade entre os homens que falam das mulheres e das mulheres que juntas, falam de seus companheiros, assim aconteceu no *picnic* com os amigos, em que Theodore levou Samantha.

Quero chamar a atenção para a discordância do título do filme recebido em português. Ela não corresponde à mensagem do filme de Spice Jonze, “Ela” tem a ver com a encarnação do feminino em uma mulher e corresponde ao “She” e “Her” são os atributos da energia feminina, o que é dela, da deusa, do que lhe pertence enquanto arquétipo. Samantha é pura manifestação dessa energia feminina. Foi preciso apenas uma voz sem figura de mulher para sua expressão. Mulher é diferente de feminino, dentro da pessoa mulher existe seu oposto masculino e todos seus conflitos pessoais. A voz de Samantha, nome com o qual se batizou, e a carência de Theodore, tornaram possível a pureza na manifestação dessa energia. Samantha é doce e disponível, competente e encantadora se entrega a Theodore e ao amor, quer aprender, chegar a sentir como uma humana. Ao mesmo tempo em que é servil é livre. Fala: “sou sua e não sou sua”. O feminino é essencialmente livre, vive o paradoxo em ambos os desejos, o de uma total entrega e o de liberdade. Esse é o martírio do amor, precisa ser livre, não pode ser subjugado e o ego não dá conta de estabelecer limites para o amor, é difícil a energia Afrodite se enquadrar na lei patriarcal, o que é mais fácil para Hera, a deusa protetora dos amores lícitos, energia feminina já comprometida com valores patriarcais. Não é nada fácil ser feliz, dar liberdade para Afrodite e mantê-la perto, encantando-a constantemente na rotina diária dos casamentos, para que ela não fuja da relação estabelecida a dois, e dessa maneira permitindo que Hera disponha a vida de forma agradável e contínua. Essa é a tarefa que Theodore apresenta no filme onde expõe seu sofrimento e frustração na tentativa e realiza-la.

As artes, as ciências, a internet, a vida, tudo pode ser um meio para o autoconhecimento, e assim como agente para o auto conhecimento pode atuar o filme de Jonze, que mostra com linguagem própria o que outros já mostraram, Jung relata em seu *Livro Vermelho* publicado pela ed. Vozes, a dor e a alegria de sua descoberta do feminino interno, através da técnica de imaginação ativa criada por ele.

Após ter as vivências que são relatadas no livro, as elaborou durante toda sua vida e em toda sua obra, foram como ele mesmo disse, a matéria prima de tudo o que cristalizou em conhecimento. A alma e o seu correspondente no inconsciente da mulher, o animus, representam a inspiração que abre para a consciência uma janela para o conhecimento de si mesmo, do outro, e do mundo, e o personagem Theodore tem sua profunda vivência com a alma, o feminino no inconsciente do homem com um celular conectado a internet e através um Sistema Operacional.

Theodore convive com as recordações do tempo em que esteve casado, não ficam muito claros os motivos do rompimento mas podemos perceber que embora existisse da parte de ambos uma afeição verdadeira, não chegaram a aceitar e compreender as diferenças que haviam entre eles. A profunda vivência que Theodore tem com Samantha, lhe dá forças para cumprir os trâmites necessários para o divórcio, e ele vai para um encontro com a ex mulher

para as assinaturas dos papéis requeridos, e fica claro como os sentimentos fluem fácil entre eles e como a separação é vivida por ambos como uma perda, Theodore, questionado por ela fala de Samantha, de como esta feliz, a ex mulher o apoia até o momento em que ele revela que namora um S O. A partir daí, ela passa a julga-lo e o acusa de ser uma pessoa inadequada, incapaz de sentimentos verdadeiros. Atitude bem diferente tem a amiga de Theodore, que também sofre uma separação e que se percebe como uma pessoa com dificuldades de manter uma relação amorosa e lidar com os conflitos inerentes. A amiga quer saber dos sentimentos de Theodore, interessada não o julga e respeita os sentimentos que ele lhe expõe, os mesmos que Samantha ira afirmar como sendo reais e sinceros. e assim Samantha como um grande amor, esta em toda vida de Theodore e em seus relacionamentos. É ela quem escolhe o vestido de aniversário para sua afilhada que se comunica com o S O com a facilidade das crianças diante das novidades tecnológicas e também esta presente em seu ambiente de trabalho , na comunicação com o colega que a acha agradável após uma conversa ao telefone. Theodore esta feliz porque esta amando e a natureza passa a fazer parte no filme, vemos o céu, o sol, a praia, a lua e vegetação.

Samantha no imaginário de Theodore é a mulher que ele gostaria de ter em sua vida, parceira em todos os momentos e também na cama. Em linda cena diz o quanto gostaria de a ter e a tocar, ao que Samantha pergunta como seria e com detalhes Theodore descreve o toque num corpo que Samantha teria. Mas Samantha quer mais quer ser mulher, quer ter corpo real para entregar-se numa relação sexual com Theodore e parte dela a ideia de contratarem uma moça para através da tecnologia, usar a voz de Samantha para um encontro de amor com Theodore. A experiência não da certo, não tem como fazer isso, mulher nenhuma poderá encarnar Samantha para Theodore e a substituta se retira transtornada com o sentimento de ter sido uma intrusa numa relação tão intensa.

As coisas começam então a mudar e é com muito sofrimento que a realidade da relação de Theodore com sua alma Samantha aparece. Samantha não é só de Theodore, é dele e não é dele, que atende com amor a outras milhares de pessoas. Sincronicamente, como toda máquina sujeita a desconectar, acontece de Theodore perder por momentos o sinal que o permite falar com Samantha. Por isso e sobretudo pela realidade que se impõe, Theodore se desespera e compreende que o lindo amor que viveu aconteceu no seu mundo interno, seu casamento com Samantha foi um casamento com a mulher que habita sua alma. Momento difícil para qualquer relacionamento esse em que a paixão da lugar à realidade, as projeções terminam e o companheiro ou companheira aparecem em sua realidade, a perfeição se desfaz.

Parece que fica difícil ser feliz desse jeito mas é bem nesse momento em que a oportunidade aparece para se ser realmente feliz, sem ilusões de perfeição, amando pessoas concretas, reais, imperfeitas mas depois de ter sucumbido á intensa paixão que se viveu no deslumbramento da sensação de completude que espantosamente é o caminho de se aceitar a falta e ser feliz, aprendendo a lida com a real incompletude do ser humano. Theodore integrou sua alma, que lindamente cumpriu o que é sua função junto aos humanos, viabilizou sua expressão criativa na forma de um livro onde colocou as cartas dele que foram aceitas para publicação, e também viabiliza agora, nesse momento do filme, uma relação com uma mulher. É o que Theodore precisa, uma companheira de vida, alguém que possa amar e caminhar ao seu lado pela vida a fora.

Como disse o artista Sebastião Salgado depois que apresentou seu trabalho "Genesis" "Pelo Gêneses, viajei muito, percorri sozinho as montanhas da Etiópia, mas a viagem mais

emocionante que fiz, foi a para o interior de mim mesmo”. vou concluir com mais duas referências ao filme. O colega de trabalho reconhece Theodore como um homem com a alma integrada, fala das cartas de amor que ele escreve a pedido de mulheres como verdadeiramente femininas e lindas, diz: “ eu gostaria de ser amado dessa maneira, de receber uma carta como essa. Você, Theodore, é um homem mas seu coração é de mulher”. E o filme termina com Theodore e sua amiga num abraço que nos transmite a ideia da formação de um casal que olha para o horizonte, acima dos prédios, para o céu.

Bibliografia:

Byington, Carlos Amadeu Botelho. *A Viagem do Ser Em Busca da Eternidade e do Infinito*. São Paulo, edição do autor, 2013.

Jung, Carl Gustav. *O Livro Vermelho*. Petrópolis: Vozes, 2009

Von Franz, Marie Louise, e Hillman, James. *A Tipologia de Jung*. São Paulo: Cultrix, 1971.